

SUBJETIVIDADE MAQUÍNICA

DIEGO BORGES CORDEIRO¹

Este livro analisa a linguagem modificada de indivíduos para se falar com máquinas, e uma vez afetadas suas percepções o fenômeno é identificado pelo autor como “subjetividade maquínica”. É uma obra ensaística de filosofia social, que tem como objetivo a reflexão crítica acerca do seu título *Subjetividade Maquínica*, que apesar de ser um termo utilizado por autores como Antonio Negri, Michael Hardt, Maurizio Lazzarato e outros, traze-nos interpretações atualizadas e de interesse sociológico e/ou interdisciplinar a respeito de um tipo de subjetividade própria de nossos tempos. O livro se estrutura por meio de capítulos curtos, mas que estimulam uma visão avaliativa, e se fundamenta em uma bibliografia das ciências sociais, da filosofia e do levantamento de documentos e noticiários.

As reflexões do autor se esboçam da trama elaborada pela sociedade pós-fordista-keynesiana, do período da agenda de consumo para além dos produtos corriqueiros. Está-se falando da produção de subjetividades afetadas pela reformulação dos padrões de acumulação do capital, articuladas aos marketings e às marcas, aos novos gostos, modismos, “estilos de vidas”, da criação de tecnologia (contexto da implantação da financeirização e do neoliberalismo) que deslancha na rede mundial de computadores (com redirecionamento dos investimentos para a infraestrutura com cabos, centros de energia, vendas de celulares, laptops etc.), da reformulação da internet (após-entrada do século XXI) e do capitalismo de plataforma (as novas fábricas).

Mas, a novidades do autor é que nessa atualização ordenada pelo capital necessitou de o raciocínio humano ser moldado à simplificação do vício de

¹ Doutor em ciências sociais/sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Correo electrónico: dbc.borges905@gmail.com

um raciocínio atrofiado, que consiste em desprezar elementos críticos e necessários para a solução de problemas. Contudo, o livro abre o Capítulo 1, *Catástrofe*, nos convidando a pensar em um mundo diferente deste que é regido pelo capital, capaz de provocar acontecimentos como o de Hiroshima e de Chernobyl, as pandemias com a mais recente experiência da Covid-19, sem esquecer também dos desastres climáticos e ambientais, pobreza, desigualdade, injustiça social etc. O problema que o autor destaca é que a nossa imaginação não nos ajuda, pelo fato de sermos hoje produtores de distopias e nos envergonhamos de falar de utopias.

No Capítulo 2, *Sem Imaginação*, segue-se seu discurso de que o pensamento da esquerda tem, hoje, dificuldades em apresentar utopias, projetos de reformas um pouco mais ambiciosos, fruto da força inercial do neoliberalismo, que visou o conformismo de pensamentos e paralisias. Fomos rendidos a esse programa, apesar de o autor exemplificar de que a crise financeira de 2008 e a crise provocada pela COVID-19 mostraram-se que o programa neoliberal realmente não deu certo; partidos social-democratas na Europa e o Partido Democrata dos Estados Unidos, que rejeitaram o neoliberalismo entre o final dos anos 1970 e início dos 1980, já na década de 1990 mudaram de posição, pois eles próprios foram os colaboradores pela implantação de políticas neoliberais em vários países do mundo.

Segundo Ghirdelli, as reações de hoje contra o neoliberalismo ficam por conta de alguns movimentos e pautas relativas às mulheres, aos negros, aos gays e a outras minorias, com a ressalva de que estes também são cooptados a estarem a serviço das políticas neoliberais, quando advogam a ideologia do “sucesso individual”. No Capítulo 3, *Emergência da direita*, responde exatamente o crescimento exponencial de pessoas que querem falar o que quiser, sem nenhuma fundamentação, tendo como referência a si mesmo, e isso vem atraindo muita gente, inclusive seguidores. O autor aponta que é o momento da democratização da ignorância. Ghirdelli cita Umberto Eco, romancista e teórico da semiótica, para resumir a situação em uma frase: “As redes sociais dão o direito à palavra a uma legião de imbecis”. Paulo Ghirdelli reflete que hoje estamos envolvidos com certos fenômenos específicos, gerados pela direita política, e que Eco certamente chamaria de “imbecilização”.

O livro fala que teorias da conspiração cresceram nos Estados Unidos e no Brasil de modo nunca visto antes, pavimentando o discurso de uma nova direita, que acabou por eleger Donald Trump e no Brasil o Jair

Bolsonaro. Destaca-se que este segundo a partir da dubiedade em suas falas aglutinou vários grupos de direita: neofacistas, anarcocapitalistas e neoliberais, obtendo 55% dos votos válidos. A sua atuação política foi em torno da propagação do negacionismo à ciência, às fugas da compra de vacinas da COVID-19, da luta contra o lockdown durante a pandemia. Nessa, deixou mais de 600 mil brasileiros para o desamparo e a morte. Aceitaram a frase cínica de Bolsonaro: “ora, todo mundo morre, então não podemos evitar que se vá morrer de COVID!”. Validaram a regra neoliberal de que “ou se pega o emprego precarizado, ou então ninguém vai ter emprego”.

Para Ghiraldelli e especialmente àqueles que não apoiaram o bolsonarismo experimentaram o cansaço político provocado pelo neoliberalismo e o esgotamento gerado pela pós-verdade. No Capítulo 4, *Pós-Verdade*, fala que discursos da atual extrema direita têm ajudado à permanência de um clima chamado de pós-verdade, que não é necessariamente um regime de *fake news*, e sim o abandono dos procedimentos racionais básicos pelos quais avaliamos os relatos e notícias que nos chegam. O autor fundamenta esse ponto da reflexão através de Donald Davidson, com a sua tese de que a verdade é uma “noção primitiva”, ou seja, de que não há nenhuma linguagem que, intuitivamente, não carregue o afirmar e o negar. Assim, na explicação de Davidson, a verdade reconquista sua tarefa no campo social, endossando uma tese que ficou conhecida pela obra de Friedrich Nietzsche: foi quem considerou a verdade como um fator de coesão social, sem ela não nos entendemos. O caráter social da verdade, localizado por Ghiraldelli em Davidson e Nietzsche, é reforçado pelo filósofo germano-coreano Byung-Chul Han, que adverte como fator necessário contra o perigo da anomia social; Ghiraldelli faz aqui uma avaliação sobre o excesso de informação, a proliferação de dados que surgem como átomos isolados no mundo da internet: é a “infosfera”, o mundo de informações da internet, que está sob o jugo do Big Data.

A explicação a que se chega é que os dados se acumulam na infosfera de um modo tão volumoso que os humanos não podem mais lidar com eles. A infosfera contribui muito para a destruição das narrativas por impor dados. O indivíduo sem análise crítica, uma vez na infosfera por muito tempo, começa a acreditar que há alguma informação relevante, verdadeira, a ponto de dizer que “contra fatos [os dados] não há argumento”. Essa é a vulnerabilidade para que o regime da pós-verdade seja instaurado. Começa-se a acreditar que há algo que é verdade por ser “fato”. Mas o autor

adverte que caímos num círculo: a verdade é definida por ser uma descrição de um fato, e fato é definido por ser algo que é verdadeiro. Dizer que algo é um fato não explica nada. Deixa-se de lado um poderoso instrumento de nossa cultura não digital, que é a prática de “dar e pedir razões”.

Ghiraldelli traz Robert Brandom, um filósofo norte-americano contemporâneo, que chegou até a usar essa expressão para definir a atividade da filosofia. Dar e pedir razões implica expor narrativas e avaliá-las continuamente, sem necessariamente possuir um ponto de chegada completamente definitivo. Mas, na contramão, a pós-verdade se estabelece à base do grito. Pessoas gritam diretamente para algoritmos, e estes ampliam, para essas mesmas pessoas, o que elas gritaram. Assim, formam-se bolhas virtuais contendo ideias sem crítica. Mas, o autor indaga: bem, então os algoritmos que, enfim, dão a maneira como a infosfera se faz são os culpados pelo avanço da não criticidade no mundo?

A resposta é clara, pois, eles não funcionam sozinhos, são máquinas. E as máquinas que precisam do humano, o qual, ao funcionar com eles, cria a “subjetividade maquínica”. É a típica subjetividade de nosso tempo, quando não se está mais falando de relacionamento entre homem e automóvel, mas entre homem e algoritmos na infosfera. Essas fronteiras não se fizeram pelo desenvolvimento tecnológico, e sim pelas mudanças do capitalismo e de suas requisições tecnológicas. No Capítulo 5, Subjetividade maquínica, esclarece que homens e mulheres precisam ter seus recursos de linguagem modificados, simplificados, para falar com a máquina. Da infosfera, no ambiente das redes virtuais, que transmite a proliferação de símbolos (diagramas, equações etc.), e que concomitantemente espera-se ter uma ampliação de significados, instaura-se a rede de interação sem que estabeleça interpretação, aquilo que em geral se põe quando dois humanos interagem sem mediação maquinal. Na infosfera, que se impera em nossos tempos, ocorre essa interação que, de certo modo, é a própria realidade da subjetividade maquínica, onde a parte humana praticamente se retira frente a Internet das Coisas (responsável pela criação do algoritmo). Chega no estágio que o algoritmo funciona sozinho e faz as coisas funcionarem; começa-se a dar ordens umas às outras; coisas não conversam, elas ordenam umas às outras. Nada além de uma potencialização daquilo que Karl Marx chamou de fetichismo.

Essa explicação do Paulo Ghiraldelli é sequenciada no Capítulo 6, *Subjetividade maquínica e direita política*, quando fala que empiricamente a infosfera acaba sendo um ambiente em que as crenças da direita proliferam

mais, ao menos durante esses anos da era Trump, quando nos EUA grupos financiados se especializaram em criar e divulgar teorias da conspiração, *fake news*, crenças absurdas, negacionismo da ciência e coisas do gênero. Paulo Ghiraldelli afirma que pessoas com tendências (ultra)conservadoras, uma vez na infosfera, se prendem aos mesmos assuntos, possuem um escopo menos amplo de interesses, e são retroalimentadas pelos algoritmos através de suas buscas. E isso é o suficiente para os tornarem fortes candidatos a se segregarem em um universo linguístico simples. De fato, essa menor complexidade linguística é tudo o que o algoritmo deseja para poder interagir com o humano. Eis que a subjetividade maquínica, nesse caso, passa a ser um campo consubstanciado pela estreiteza, uma área de intensificação de crenças reiterativas que, no limite, são simplórias, que desmentem o escolarizado.

Ghiraldelli ilustra a explicação dessas buscas na internet com a personagem Tay, do Twitter, que era uma inteligência artificial criada para ajudar os internautas, e que teve de ser retirada de circulação porque se tornou nazista em menos de 24 horas. Ela foi alimentada por pessoas de direita, mais solitárias, dotadas de um vocabulário reduzido, gostam da internet na medida em que se exige menos interpretação e mais ação de cliques, mais ação maquinal, de modo menos reflexivo. Outro exemplo é com relação a Steve Bannon e Trump que contaram com esse tipo de indivíduos para promover a invasão do Capitólio. No Brasil, pessoas com o mesmo perfil das que invadiram o Capitólio, foram às ruas em protesto pela derrota de Jair Bolsonaro nas eleições para a Presidência, no final de 2022. Lembra que estes protagonizaram episódios hilariantes, grupos que chegaram a orar e cantar o hino nacional diante de um pneu, que iria ser queimado depois para obstruir uma estrada. Rezaram para que Deus intercedesse nas Forças Armadas e os militares pudessem impedir que Lula tomasse posse, por acusarem de ser “comunista e ladrão”. Em alguns episódios, chegaram a tentar coletivamente se comunicar com alienígenas para que as ajudassem nessa tarefa.

Por fim, acreditando de dar conta da apresentação do livro até o Capítulo 7, *Financeirização e capitalismo de plataforma*, fala que o capitalismo de hoje, que é financeirizado e incentivado pelo neoliberalismo, produz subjetividade maquínica e pós-verdade, e que se complementam para criar nosso mundo mais afeito à distopia, à desesperança e a certas formas de nihilismo. Junto disso, claro, há ampliação do próprio consumo dos conteúdos

da infosfera, em que tem tendência de funcionar como bola de neve: mais informações sobre nós, para as plataformas, significa mais consumidores prontos para serem abocanhados por propagandas específicas de tudo, que, por sua vez, se preparam para vender mais e captar mais dados. Vive-se hoje um mundo propício a isso, é o mundo das plataformas, que são os sustentáculos de nossa subjetividade maquínica.

Ghiraldelli, Paulo. 2023. *Subjetividade Maquínica*.
São Paulo, SP. CEFA Editorial.